

DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO: DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM PAUTA

Marcelo Sabbatini

Universidade Federal de Pernambuco

Introdução

A comunicação científica, embora seja uma componente essencial na socialização do conhecimento científico em todas as disciplinas, apresenta desafios e perspectivas distintas no campo das Ciências Sociais e Humanas, particularmente na área da Comunicação. Em uma sociedade cada vez mais dependente de informação, a necessidade de comunicar os resultados da pesquisa para outros pesquisadores, profissionais da área e para o público em geral, torna-se fundamental, assim como a necessidade de ressignificar os avanços e descobertos realizados no campo em função de seus impactos sociais. Buscamos, assim, discutir as nuances e as especificidades associadas à comunicação científica neste campo e ao mesmo tempo em refletir sobre os obstáculos e oportunidades existentes.

A divulgação científica no campo da Comunicação, inserida nas Ciências Sociais e Humanas, possui características particulares, apresentando desafios específicos, diferindo, em muitos aspectos, das chamadas “ciências duras”. Essas diferenças são multifacetadas, abrangendo questões metodológicas, conceituais e contextuais, que podem, por vezes, criar barreiras à compreensão e ao engajamento do público com o conhecimento científico comunicacional. Ao explorar essas diferenças, buscamos compreender como a divulgação científica pode ser potencializada e obter maior reconhecimento neste contexto específico.

Além das particularidades e dos desafios associados à divulgação científica no campo da Comunicação, bem como reflexões sobre o potencial catalisador da interdisciplinaridade neste âmbito. Além disso, analisamos as barreiras enfrentadas pelos comunicadores científicos e serão propostas possíveis estratégias para superá-las.

A Fragmentação da Ciência e as Duas Culturas de C.P. Snow

A distinção entre as “ciências duras” (*hard sciences*) e as “ciências moles” (*soft sciences*) tem raízes profundas na discussão intelectual e acadêmica. Foi C.P. Snow, um físico e romancista britânico, que pela primeira vez discutiu a existência de “duas culturas” em uma série de palestras na década de 1950, culminando em sua obra seminal “*The Two Cultures and the Scientific Revolution*” de 1959. Snow argumentou que a cultura intelectual estava polarizada entre a ciência - que ele categorizou como ciências duras - e as humanidades, que representavam o campo das ciências moles. A sua descrição desta divisão revela não apenas uma diferença metodológica, mas também um profundo abismo de compreensão e comunicação entre os dois campos.

As “ciências duras”, como a física, a química e a biologia, são geralmente caracterizadas por abordagens empíricas e quantitativas, com foco na objetividade, replicabilidade e previsibilidade. Elas frequentemente envolvem o uso de modelos matemáticos e são vistas como produzindo conhecimento “duro” ou “objetivo”, dado que seus resultados são, na sua maior parte, independentes do observador.

Por outro lado, as “ciências moles” ou as ciências sociais e humanas, incluindo disciplinas como a sociologia, a psicologia, a história e a comunicação, utilizam uma mistura de abordagens quantitativas e qualitativas. Estas disciplinas são mais interpretativas por natureza, envolvendo uma compreensão mais profunda do contexto humano e social. O conhecimento produzido aqui é muitas vezes rotulado como “mole” ou “subjetivo”, pois pode ser influenciado pelo ponto de vista do observador.

De acordo com Snow, estas “duas culturas” raramente se encontram, e frequentemente falam uma linguagem que a outra não consegue compreender. Esta fragmentação entre os dois campos resulta em uma lacuna na comunicação científica, tornando difícil para o público em geral e para os acadêmicos de cada campo compreender plenamente os conceitos, métodos e descobertas do outro.

Contudo, tradicionalmente, a divulgação científica tem estado intimamente associada a chamada “*big science*” e a avanços tecnológicos e científicos impactantes nas ciências duras, como a energia atômica, a descoberta da estrutura do DNA e os avanços nos tratamentos médicos. Esta tendência, em parte, pode ser atribuída ao fato de que estes avanços captaram a imaginação pública, geraram amplo interesse e foram frequentemente cobertos de forma destacada pela mídia. No entanto, esta percepção pode ter contribuído para um desequilíbrio na representação da ciência na esfera pública, muitas vezes em

detrimento das ciências sociais e humanas. Tais campos, apesar de seus significativos *insights* e contribuições para a compreensão da sociedade, cultura e comportamento humano, não têm sido tradicionalmente vistos pelo público em geral como estando no centro da atividade científica. Isso, por sua vez, pode ter implicações para a percepção da relevância e do valor das ciências sociais e humanas, assim como para o financiamento e apoio a estas áreas.

A Comunicação Social como Campo do Conhecimento Científico

A Comunicação Social, como campo de estudo, tem uma história rica e diversificada. Desde a sua formalização como um campo acadêmico no século XX, a Comunicação Social tem evoluído, expandindo-se e aprofundando-se para abranger várias subdisciplinas, incluindo o jornalismo, as relações públicas, a publicidade, entre outras. Tendo como base as Ciências Sociais, foi somente a partir da elaboração de teorias próprias que o campo começou a se efetivar como independente. Inicialmente, o campo da Comunicação Social foi influenciado pelas chamadas “teorias clássicas” ou “teorias dos efeitos”, que se concentravam na análise dos efeitos da mídia no público. Autores como Harold Lasswell (1948), Paul Lazarsfeld (1955) e Carl Hovland (1953) foram pioneiros nessa abordagem, enfocando as formas pelas quais a mídia poderia influenciar a opinião pública e o comportamento individual.

No entanto, essa visão foi posteriormente complementada e, em certos aspectos, contestada, pela “virada cultural” nos estudos de Comunicação na década de 1960. Autores como Stuart Hall (1980) e Raymond Williams (1961) propuseram uma visão mais complexa e matizada da comunicação, enfocando a interpretação e a construção cultural de significados.

No Brasil, a Comunicação Social ganhou relevância acadêmica ao longo da década de 1960, marcada pela criação de cursos de graduação na área. Autores como José Marques de Melo (1978) e Luiz Beltrão (1981) foram precursores nos estudos de Comunicação no país, desenvolvendo reflexões sobre o jornalismo e as teorias da Comunicação no contexto brasileiro. Nos anos subsequentes, o campo continuou a se desenvolver, abarcando reflexões críticas e contribuições de autores como Muniz Sodré (1988), Jesús Martín-Barbero (2001) e Maria Immacolata Vassallo de Lopes (1990).

Desta forma, a Comunicação Social se consolidou como um campo científico próprio, com métodos de pesquisa, teorias e práticas que se diferenciam e complementam outros campos do conhecimento. A sua evolução, entretanto, também traz consigo desafios, especialmente no que diz respeito à comunicação científica e à divulgação dos resultados da pesquisa para o público em geral e para outros campos do conhecimento.

A Especificidade da Divulgação Científica no Campo da Comunicação

Ao longo dos anos, a divulgação científica tem emergido como um campo de estudo e prática fundamental, principalmente em meio às complexidades das ciências sociais e humanas. Ao investigar sua atuação no campo da Comunicação, é possível delinear tanto semelhanças como diferenças em relação a outras disciplinas dentro das ciências sociais e humanas.

Primeiramente, ao examinar as semelhanças, é evidente que a comunicação científica neste âmbito compartilha uma série de características cruciais. Uma dessas características é a necessidade de contextualização e interpretação dos dados e informações. Dada a complexidade dos fenômenos estudados nestas disciplinas, a tradução dos resultados de pesquisas acadêmicas para uma linguagem compreensível e útil para o público em geral é um aspecto fundamental da comunicação científica.

Além disso, a preocupação com questões éticas e sociais é um aspecto inerente às ciências sociais e humanas. Questões como equidade, justiça e sustentabilidade são de suma importância para estas disciplinas. Assim, a comunicação científica, nestes campos, deve estar atenta a essas preocupações, comunicando temas de relevância social de maneira responsável e sensível.

Outra semelhança é a ênfase no diálogo e na participação no processo de construção do conhecimento. Nas ciências sociais e humanas, o conhecimento é frequentemente co-construído através do engajamento e interação com diferentes atores, sejam eles acadêmicos ou não. Desta forma, a divulgação científica tem a tarefa de criar espaços para interação e debate, promovendo a participação de várias partes interessadas no processo de produção e disseminação do conhecimento.

Contrastando essas semelhanças, existem especificidades que distinguem esta prática. Primeiro, temáticas e abordagens específicas, como teorias da comunicação, estudos de

mídia, análise de discurso, que são essencialmente diferentes do trabalho de laboratório imaginado pelo grande público em relação à ideia de “ciência”.

Adicionalmente, o campo da Comunicação possui uma relação intrínseca com as tecnologias da informação e comunicação, das tradicionais (analógicas) às digitais. Nessa linha de pensamento, a divulgação científica na Comunicação carrega consigo um caráter de metacomunicação, onde a própria comunicação torna-se o tema da comunicação. Este cenário apresenta uma dualidade singular: uma oportunidade e um desafio. Por um lado, a natureza meta proporciona uma oportunidade de autodescoberta e reflexividade, que pode levar a avanços importantes e insights significativos, tanto teóricos quanto práticos, sobre o funcionamento, os efeitos e o potencial das tecnologias da comunicação. Ao mesmo tempo, o aspecto auto-referencial desta tarefa pode torná-la particularmente desafiadora, exigindo clareza, precisão e discernimento por parte dos comunicadores científicos, para evitar confusões, mal-entendidos e distorções no tratamento das informações.

Por fim, é importante destacar o impacto direto que a comunicação científica na área de Comunicação pode ter sobre a opinião pública e a tomada de decisões. Questões relacionadas à mídia, política e cultura estão frequentemente no centro das discussões públicas. Assim, a responsabilidade dos comunicadores científicos nesta área é particularmente significativa, exigindo rigor e transparência na apresentação e discussão de temas relevantes para a sociedade em geral.

Desafios e perspectivas futuras da divulgação científica na Comunicação,

Neste ponto, uma analogia pertinente pode ser a síndrome do “casa de ferreiro, espeto de pau” Tal paradoxo retrata o cenário em que especialistas da comunicação, mesmo dominando teorias e técnicas específicas de seu campo, apresentam dificuldades ao aplicar esses conhecimentos à divulgação de suas próprias pesquisas. Além disso, uma compreensão insuficiente das características que definem a Comunicação Social como ciência, contribui para essa problemática

A falta de capacitação na divulgação científica também representa um obstáculo significativo enfrentado por muitos pesquisadores e profissionais da área. Para comunicar efetivamente seus achados e conhecimentos para o público não especialista, habilidades e competências adequadas são cruciais. Este desafio destaca a importância do

desenvolvimento de programas de formação e capacitação em divulgação científica, adaptados às particularidades do campo da Comunicação Social.

Por sua vez, a interdisciplinaridade surge como um potencial catalisador, favorecendo a troca de ideias e metodologias entre diferentes áreas do conhecimento, proporcionando um enriquecimento mútuo e estimulando a inovação na pesquisa. Portanto, encorajar a prática interdisciplinar pode ser uma estratégia interessante para superar os desafios da divulgação científica no campo da Comunicação Social.

Em relação às políticas públicas, a implementação de medidas que promovam e incentivem a divulgação científica é essencial para o avanço deste campo. Isso inclui o financiamento para a pesquisa e desenvolvimento de estratégias e ferramentas de comunicação científica, bem como o estabelecimento de padrões e diretrizes para a prática eficaz da divulgação científica.

Em conclusão, o caminho para aprimorar a divulgação científica no campo da Comunicação Social requer a superação de desafios significativos, mas também oferece inúmeras oportunidades. Abordagens interdisciplinares, capacitação adequada e políticas de incentivo à divulgação científica podem catalisar este processo, conduzindo a um cenário em que a pesquisa em Comunicação Social é amplamente acessível, compreendida e aplicada, beneficiando tanto a academia quanto a sociedade em geral.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. Jornalismo opinativo. São Paulo: Sulina, 1980.

HALL, Stuart. Encoding/Decoding. In: HALL, Stuart; HOBSON, Dorothy; LOWE, Andrew; WILLIS, Paul. (Orgs.) *Culture, media, language: w papers in cultural studies, 1972-79*. Londres: Hutchinson, 1980, p. 128-138.

HOVLAND, Carl I.; LUMSDAINE, Arthur A.; SHEFFIELD, Fred D. *Experiments on mass communication*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1953.

LASSWELL, Harold D. The structure and function of communication in society. In: BRYSON, Lyman (Org.), *The communication of ideas*. New York: Harper & Brothers, 1948, p. 37-51.

LAZARSFELD, Paul F.; BERELSON, Bernard; GAUDET, Hazel. *The people's choice: how the voter makes up his mind in a presidential campaign*. Nova York: Columbia University Press, 1955.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MARQUES DE MELO, José. *Jornalismo opinativo: as modalidades editoriais de interpretação no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Pioneira, 1978.

Snow, C. P. *The Two cultures and the Scientific Revolution*. Cambridge University Press, 1959.

SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

VASSALLO DE LOPES, Maria Immacolata. *Pesquisa em comunicação: sete passos para a redação científica*. São Paulo: Loyola, 1990.